

# **ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO (ASCD<sup>1</sup>): A POBREZA SOB A ÓTICA DA VEJA**

Rodrigo Slama Ribas<sup>2</sup> (UFRN/CNPq)  
rodrigo\_slama@hotmail.com

## **RESUMO**

A partir do discurso da Veja, este trabalho desenvolve uma reflexão acerca da (re)produção do discurso sobre a pobreza, e, conseqüentemente sobre o pobre, por este veículo da grande mídia. O objetivo é averiguar, através do discurso midiático, as construções identitárias sobre a pobreza. Utilizamos, para tanto, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, ASCD, de acordo com Pedrosa (2011, 2012), dentro do quadro da Análise Crítica do Discurso como aparato, além dos estudos sociológicos de Bajoit (2006a, [2005]2006b, [2003]2008), que fundamentam a ASCD. O Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico-Funcional aplicado à Língua Portuguesa, presente em Vian Jr. (2011), dará conta da análise textual, ponto de partida para a elucidação das questões relativas ao poder. Deste modo, o discurso da mídia brasileira, representada pela Veja, sobre a pobreza, serve de objeto para a compreensão da identidade que se criou e se renova sobre a pobreza e sobre os pobres.

**Palavras-chave:** Pobreza. Mídia. Abordagem sociológica e comunicacional do discurso. Análise Crítica do Discurso

## **ABSTRACT**

This essay develops a reflection about the (re)production of the discourse on poverty, and consequently on the poor, based upon the discourse of Veja magazine, this big media vehicle. Our aim is analyze, through the media discourse, the identity creation about the poverty. In order to achieve our aim, we use the Sociological and Communicational Discourse Analysis (SCDA), according to Pedrosa (2011, 2012), within the Critical Discourse Analysis (CDA) framework, as well as the sociological studies of Bajoit (2006a, [2005]2006b, [2003]2008), which are base for the ASCD. The Linguistic Sitemic Functional Evaluation System applied to the Portuguese Language, found in Vian Jr (2011) will help us with the textual analysis, starting point of to elucidate questions concerned poverty. Thus, the Brazilian media discou rse on poverty, represented by Veja, is used as an object for the understanding of the created and renewed poverty and poor identities.

**Key words:** Poverty. Media. Sociological and Communicational Discourse Analysis. Critical Discourse Analysis

## **INTRODUÇÃO**

O sistema econômico define, numa sociedade, as prioridades de cada Estado, da mídia, da educação, etc. Vivemos, no Brasil, em meio ao modelo capitalista, presente maciçamente na maior parte dos países do mundo. Assim, a separação das pessoas em classes sociais é bem marcada em nossa sociedade, que, obviamente, é pautada na movimentação do dinheiro, no consumo.

---

<sup>1</sup> Para conhecer mais sobre a Abordagem sociológica e comunicacional do discurso, acesse [www.ascd.com.br](http://www.ascd.com.br).

<sup>2</sup> Mestrando em Linguística Aplicada do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e especialista em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa (2011) pela mesma instituição. Atualmente, é bolsista de mestrado do CNPq.

Instigados há tempos a ter ao invés de ser, o brasileiro se destaca entre os seus pares pela posse de bens materiais, como casa, carro, roupas de marca, etc. Quanto mais se tem, mais *status* possui, e isso é evidente nos símbolos nacionais, que, hoje, são os milionários jogadores de futebol, os famosos atores de televisão, megaempresário ou qualquer indivíduo que se destaque por sua conta bancária. O melhor médico ganha mais, o melhor gari sai das ruas para dar palestras, mas os que não fazem parte do nicho social mais privilegiado são excluídos. Excluídos socialmente, calados pela mídia.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa<sup>3</sup> de mestrado previamente intitulada *RE(A)PRESENTAÇÃO DA POBREZA BRASILEIRA: Análise crítica dos discursos do governo, da mídia e da representação do pobre*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e, aqui, se apresenta como uma amostra de como o tema é abordado pela mídia, representada pela revista *Veja* cuja tiragem é a mais numerosa dentre o gênero.

Esclarecido este fato, este trabalho se propõe a fazer uma reflexão sobre o possível impacto que determinadas articulações discursiva podem causar na sociedade como um todo, uma vez que textos estabelecem as posições tomadas pelos sujeitos (FAIRCLOUGH, 2008). Para sua realização, foram destacados dois textos da revista *Veja*. O primeiro, uma reportagem intitulada *Mas logo em Curitiba?*, de Alexandre Salvador, publicada na edição 2255, do dia 08 de fevereiro de 2012. A segunda, uma crônica da Lya Luft intitulada *Comprar e não poder pagar*, da edição 2274, do dia 20 de junho de 2012.

Disto isto, passemos, então, para os preceitos da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), postulados em Pedrosa (2012), escolhido como aporte teórico deste trabalho. Dentre outros aspectos que serão adiante ponderados, ancora-se nos preceitos sociológicos de Bajoit (2006), e das categorias do Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico Funcional, de acordo com Martin e White (2005), que subsidiarão a análise linguística.

## **1 A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO**

A Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso se apresenta como uma corrente da Análise Crítica do Discurso (ACD), que, dentre outros casos, se dispõe a “investir em estudos identitários, articulando as identidades sociais e individuais” (PEDROSA, 2012), e, para tanto, ancora-se nos estudos das Mudanças Sociais presentes em Bajoit (2006b), na Comunicação para a mudança social de Navarro (2010) e nos Estudos Culturais de Hall (2005).

---

<sup>3</sup> Este trabalho, bem como toda dissertação, faz parte de um projeto maior da orientadora, Cleide Faye Pedrosa, intitulada *Poder e linguagem: manifestação da globalização e do globalismo nos discursos e nas práticas sociais* (PROPESQ-REUNI 2012 (01/01/2012 a 31/12/2012\\PVC7483-2011).

A ASCD emerge como o principal aporte teórico para trazer à tona as representações da pobreza feitas pela revista *Veja* no *corpus* selecionado para este trabalho. Temos a proposta, aqui, de caminhar por questões relacionadas à identidade que a *Veja* constrói para o pobre, de acordo com as categorias de Baloit (2006a), o que nos ajudará a identificar a relação entre o enunciador e a ideologia, ou seja, verificar a forma com que os pobres e, conseqüentemente, a pobreza são retratados e refratados neste discurso.

Como metodologia de análise, recorreremos à proposta de Fairclough (2006), que pressupõe, basicamente, a análise do evento social (texto) e sua relação com a prática social e da estrutura social (as normas e os códigos sociais que são estabelecidos com a finalidade de orientar as práticas sociais). Nesta perspectiva de análise, é indispensável ter em mente que a ACD faz análise crítica do discurso por via de textos, e entende que a linguagem é irredutível das práticas sociais.

Para analisar textualmente o discurso da revista *Veja* colhido para trabalho, utilizaremos, como pressupõe a ASCD, o Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico Funcional, que se dá a partir de três recursos. Eis: a) Atitude, que, de acordo com Martin e White (2005), é responsável pela emoção, e se divide em três subcategorias, *afeto* (emoções), *juízo* (comportamento humano) e *apreciação* (coisas e objetos); b) Gradação, que abrange questões que atenuam ou asseveram sentidos valorativos (SOUZA, 2011); e c) Engajamento, que negocia os sentidos de valor através da expansão ou redução dialógica (monoglossia e heteroglossia).

A partir do Sistema de Avaliatividade, com as categorias que ele oferece, será possível a realização da análise textual. Desta maneira faremos por entender que a análise social é o real foco da ACD e, conseqüentemente, da ASCD, mas que, no entanto, necessita de uma ancoragem na efetiva produção discursiva, ou seja, no texto, o que possibilitará a leitura acurada da materialidade linguística e, a partir dela, a demonstração de como os laços sociais são estabelecidos e como as mudanças sociais ocorrem a partir de entrelaçamentos textuais, produto de escolhas e re(a)presentações dos sujeitos sociais.

## **2 O DISCURSO SOBRE A POBREZA E A NECESSIDADE DE EXPLORAÇÕES ACADÊMICAS**

Desde que a humanidade estabeleceu os valores materiais como mais importantes aos valores humanos, a pobreza existe. A riqueza pressupõe pobreza, obviamente, e, para cada ser abastado, haverá vários outros que não possuem condições básicas de sobrevivência, como comida, água potável, sem falar em lazer.

O sistema feudal foi vencido pelo capitalismo que, da forma como conhecemos, vigora há poucos séculos se tomarmos as aparições das primeiras civilizações. Muito já se foi falado sobre

isso, mas o estudo das questões discursivas relacionadas a este problema é algo relativamente novo, e, da forma como tem se pautado a ACD quanto a isso, podemos, sem tremular, fechar um leque de uma década para este marco.

No Brasil, desde a assunção dos governos pós-ditadura militar, a pobreza extrema, sobretudo pelos dois últimos presidentes – um deles um operário de origens humildes e uma mulher com histórico de militância escolar –, tomou uma importância nunca antes vista, ou, pelo menos, nunca antes tão demonstrada pela mídia, mesmo a governamental. Isso se deu, talvez, pelo histórico dos representantes, mas, certamente, pela disparidade entre a economia brasileira, atualmente a sexta do mundo, e o número de brasileiros na miséria. Ora, a tecnologia evoluiu, a economia se desenvolveu, mas a fome, a falta de saúde, água encanada, luz elétrica, etc. não foi sanada anteriormente, até porque, de acordo com Santos (2002), a pobreza, com o passar do tempo, vai se alastrando, e, caso não seja resolvida, continuará a crescer, haja vista nos últimos trinta anos ter aumentado assombrosamente. Só no Brasil, por exemplo, “o contingente de pessoas em extrema pobreza totaliza 16,27 milhões de pessoas<sup>4</sup>, o que representa 8,5% da população total” (BRASIL, 2011), o que é ruim, sobretudo pelo fato do número ser bem maior nos governos passados, em que atingia quarenta e quatro milhões de habitante segundo Brasil (2012).

Devido a isso, acabar com a pobreza extrema foi a principal proposta da candidata e atual presidenta, Dilma Rousseff – ou seja, a continuação dos projetos do seu mentor e antecessor, Lula, e a sua vitória e a recorrência do tema no seu discurso proporcionou maior exposição em todos os níveis da sociedade.

Assim, entendemos que a miséria merece a preocupação não só do governo, mas de toda a sociedade, e isso, apenas, só justifica a necessidade da Academia se fazer presente também em busca de soluções. Isso se dá pela própria perspectiva que adotamos, a de que o estudo da linguagem deve estar ligado às práticas sociais, ao uso real da linguagem no cotidiano dos usuários, e, ainda, se preocupar, ancorados pela Linguística Aplicada e pela Análise Crítica do Discurso na resolução de problemas sociais, o que, no nosso caso, se reflete nas construções discursivas das identidades criadas para os pobres.

Pensando nisso, para que seja possível classificar a forma com que o pobre é retratado nas páginas da Veja, recorremos a Bajoit (2006a) que elenca quatro formas de apresentar os pobres, ou os “rostos da pobreza”, são elas: a) Pobre como Marginal<sup>5</sup> (não participa dos mesmos eventos dos outros cidadãos por viver numa subcultura); b) Pobre como Explorado (explorado pela classe

---

<sup>4</sup> Para ilustração, deste total, 59,1% estão concentrados no Nordeste.

<sup>5</sup> Que está fora do centro da sociedade, sem as conotações de criminalidade que é mais comum, atualmente, no meio social.

econômica, mas excluído por falta de proteção); c) Pobre como Dependente (não tem autonomia, nem recursos materiais ou formação); e d) Pobre como Desafiliado (isolado, desestimulado, sem participação na sociedade organizada).

Note, então, que nossa intenção, aqui, é elucidar como os pobres são representados, bem como verificar com que mecanismos linguísticos o social é retratado e, ainda, como a ideologia e as significações sobre o pobre são distribuídas pela revista semanal de informações com mais leitores no país.

Então, esclarecidas as formas e os instrumentos deste trabalho, passemos às análises.

### **3 O POBRE NA VEJA**

Nesta parte, realizaremos análise crítica do discurso da revista *Veja*, iniciando pela intitulada *Mas logo em Curitiba?*, de Alexandre Salvador, publicada na edição 2255, do dia 08 de fevereiro de 2012, para chegar ao segundo, uma crônica da Lya Luft intitulada *Comprar e não poder pagar*, da edição 2274, do dia 20 de junho de 2012.

O primeiro excerto a seguir é do texto *Mas logo em Curitiba?* (VEJA, 2012b, p103-104). Até bem pouco tempo, Curitiba era tida como a capital modelo em segurança, transporte, educação. Tinha a menor taxa de criminalidade dentre as grandes cidades, mas, de acordo com a reportagem, com o alastramento da periferia, esta história mudou, e, atualmente, Curitiba vem passando por problemas até então com proporções muito menores.

De acordo com a *Veja*, na última década, a população de Curitiba cresceu 22%, no entanto, os serviços públicos básicos, tal qual saúde, segurança e educação fez com que a pobreza se alastrasse. Assim, a pobreza é representada como aquela que traz a violência, logo, os pobres são os violentos. Vejamos o terceiro parágrafo do texto.

Esse crescimento não foi acompanhado de políticas públicas de saúde, educação e segurança, criando bolsões de pobreza, onde viceja a criminalidade. “Baixa escolaridade e condições de saúde ruins produzem um trabalhador insatisfeito com suas condições de vida, que começa a considerar como alternativas passar para o tráfico de drogas e outros tipos de crime”, diz a advogada Priscilla Placha Sá, especialista em direito penal e representante da OAB no Conselho de Segurança Pública do Estado do Paraná (VEJA, 2012b, p103).

A reportagem fala em “bolsões de pobreza”, e fala que este lugar simbólico é “onde viceja a criminalidade”. *Vicejar*, de acordo com Houaiss (2009), é germinar, desenvolver com força; *vicejar*, no sentido que foi empregado, é um recurso que aumenta a força, que intensifica a capacidade da pobreza de gerar criminalidade, chegando ao ponto de, nesta leitura, não se conseguir fazer distinção entre a criminalidade ou a pobreza, uma é dependente da outra, uma gera a outra.

Ao criar essa relação, a revista reveste a pobreza, e, conseqüentemente, o pobre com uma roupagem criminoso, e incita a criação de uma identidade só para o pobre e para o criminoso. Bajoit (2006b) afirma que existem formas de socialização que se dão por processos conscientes e inconscientes, e ao fazer uma ponte estreita entre a criminalidade e a pobreza, a revista pode fazer com que, por um processo de *habituação*, uma forma inconsciente de estabelecer uma socialização, o pobre estabeleça uma relação de parença com o criminoso.

Esta proposição é corroborada pela voz da representante da Organização dos Advogados do Brasil do Paraná, especialista em direito penal, que, ao ser postulada na reportagem, condiz com o que a própria veja pensa sobre esta questão. A Advogada, e, nesta perspectiva, a revista, afirmam que a “baixa escolaridade e condições de saúde ruins produzem um trabalhador insatisfeito com suas condições de vida, que começa a considerar como alternativas passar para o tráfico de drogas e outros tipos de crime (VEJA, 2012b, p103)”.

Sem nenhuma modalização, o excerto estabelece uma relação de concomitância entre a insatisfação e a adesão à criminalidade. Ao falar que maus serviços públicos *produzem* um trabalhador insatisfeito, a revista, a partir da escolha do verbo, caracteriza o trabalhador como um produto, alguém que não possui escolhas próprias, alguém que não é capaz de se constituir como sujeito, como aquele indivíduo capaz de trabalhar sobre sua identidade (BAJOIT, 2006b, 2008). O pobre, trabalhador, é descrito como não autônomo, como um ser que é empurrado pelo sistema, e que, sem titubear, e independente de si, de seus princípios, ou qualquer outra ponderação, “começa a considerar” entrar para a criminalidade.

Este trabalhador, este indivíduo que vive na pobreza, sem escola, sem saúde, sem segurança, é representante de toda sua classe. Ao não diferenciar o criminoso das pessoas idôneas, e ao estabelecer tão claramente esta relação de similaridade, a revista pinta o pobre como aquele que, independente de qualquer fator, “começa a considerar” a adesão ao crime caso os serviços básicos para ser cidadão não funcionem como deveria.

Devido à *insatisfação* que, de acordo com a avaliatividade, representa o julgamento negativo do trabalhador, e o fato dele *considerar* aderir a alguma forma de criminalidade, acentua este julgamento; além disso, uma das formas de criminalidades as quais o pobre pensa e aderir é o tráfico, que, nos últimos anos, é tratado como o pior dos crimes nas grandes cidades brasileiras, por desencadear vários outros como roubo, sequestro, assassinato, etc.

A cereja do bolo da descrição e criação da imagem do pobre, do trabalhador que vive na periferia, sem serviços públicos de qualidade, que, quando a situação é desfavorável pensa sem hesitar na criminalidade, é o primeiro período do quarto parágrafo, que diz: “Os delinquentes da periferia, naturalmente, se veem atraídos a agir também no município de Curitiba, onde circula o dinheiro (VEJA, 2012b, p103).

Antes de mais nada, este trecho fala dos que já são criminosos, não dos que estão pensando a se tornar, descritos no parágrafo anterior da reportagem. No entanto, devido ao movimento de transição descrito como inevitável pela revista Veja, os pobres trabalhadores que não têm um bom serviço se tornarão “delinquentes da periferia”.

A reportagem tentou estabelecer uma relação entre a criminalidade e a pobreza, e, *da periferia*, que funciona de modificador de delinquentes, faz alusão aos moradores da região metropolitana que Curitiba, que, motivados pela presença do dinheiro, segundo o texto, vão agir na capital do Paraná. Ainda neste período, há a avaliação do deslocamento para Curitiba para agir criminosamente como *natural*, adjunto circunstancial que caracteriza o crime como algo de ordem regular, como se fosse isso fosse inerente ao comportamento dos que vivem nas regiões periféricas.

O segundo texto trazido para este trabalho, *Comprar e não pagar* (VEJA 2012a, p.24), traz a visão da colunista Lya Luft, e, conseqüentemente, da revista Veja sobre o atual período em que a economia do Brasil se encontra. O que, inicialmente, poderia ser uma ponderação sobre a crise europeia, pela alusão aos empréstimos que os bancos receberam no dia 20 de junho, se presentificou como uma visão da mídia sobre o consumo das classes baixas do nosso país, consumo este que é estimulado pelo governo com a facilitação do crédito, as reduções de impostos, etc.

Antes de falar do cotidiano de endividamento do brasileiro, ainda sobre os bancos e a crise, há a seguinte referência aos que vivem em situação de pobreza extrema, no terceiro parágrafo da crônica. Segue.

Bilhões e bilhões empregados para salvar bancos, e milhões de pessoas morrendo de miséria, de fome, de falta de higiene, de falta de dignidade – de falta de respeito de parte dos que deveriam ajudar em vez de gastar bilhões salvando bancos. Morram os bancos, não as pessoas inocentes, não as crianças, não os velhos, os fracos. Que ninguém tenha de chorar impotente por não poder salvar seus filhos (VEJA, 2012a, p.12).

Numa escala de importância, realizando aí a avaliação através da acentuação do foco, a fome decorrente da miséria aparece frente à falta de higiene, que acarreta várias doenças, e a frente da falta de dignidade, o que revela que coisas básicas à manutenção da vida, como alimento e saúde, vêm antes da dignidade. Claro, para que dignidade se não se tem comida e saúde? Neste excerto, o pobre, seja ele brasileiro ou não, está nessa situação pela “falta de respeito dos que deveriam [lhes] ajudar”, o que indica que, para a mídia, o pobre é, além de *marginal*, por viver fora do centro da sociedade, numa subcultura, é *dependente*, porque não dispõe de mecanismos para ascender por conta própria (BAJOIT, 2006a).

O pobre, até então, foi tratado de forma geral, independente da sua nacionalidade, pelo texto 2, no entanto, a partir do quarto parágrafo, através de “Eu vejo ao meu redor, ou na televisão, na imprensa em geral, a postura delirante das pessoas, certas pessoas, muitas pessoas, com relação ao seu orçamento” (VEJA, 2012a, p.24), que o foco da cronista, logo da revista, agora, são os brasileiros. A partir deste momento, o texto se presta a questionar a eficiência da economia doméstica das famílias frente às oportunidades de crédito e ao crescente endividamento sub o qual a população se encontra. A Veja, através de Lya Luft, esboça uma imagem ruim do consumidor da nova classe média<sup>6</sup>, que, pela facilidade de crédito, gasta mais do que ganha. Segue excerto.

Compra-se a prestação no supermercado, compra-se com cartão de crédito sem ter mais crédito. Então cobrimos o buraco com cheque especial. Dali passamos a qualquer outro recurso. Não nos lembramos de calcular os juros. Não nos lembramos de que dez compras baratinhas em várias prestações por semana acabarão em grandes dívidas crescentes durante muitos anos (VEJA, 2012a, p.24).

Quem compra, sintaticamente indeterminado, num primeiro momento, ancora-se no cartão de crédito, por exemplo, e, pela falta de planejamento, acaba utilizando o cheque especial, para ‘cobrir o buraco’. O fato de indeterminar o sujeito, e, após, se incluir entre os que não têm controle financeiro, faz com que haja, inicialmente, o afastamento, e, depois, a tentativa de aproximar-se deste consumidor, no entanto, no mesmo texto, Lya Luft diz que veio de uma classe média mais controlada, que tinha posses, educação, qualificação profissional e uma poupança para emergências. Esta alegação questiona indiretamente o governo, que tem como arma de convencimento os dados que mostram que os pobres ascenderam à classe média e possuem poder econômico (mesmo que através do crédito) Obviamente, segundo a Veja, é melhor permanecer na pobreza, podemos inferir, ao permanecer no conforto inadimplente da nova classe média.

[...] Mas a inadimplência de indivíduos e famílias cresce como abóboras em terra boa, e continuamos comprando sem a menor consciência de que logo estaremos atolados em dívidas, o objeto do nosso desejo retomado pelo vendedor, inclusive o adorado carrinho novo. A mensalidade dos filhos na escola atrasada, nosso respeito pessoal entrando pelo ralo, o desespero baixando como um nevoeiro feio (VEJA, 2012a, p. 24).

Ao afirmar que “compramos sem a menos consciência”, a Veja faz um julgamento negativo da capacidade do consumidor de refletir sobre sua prática, e deste modo, a identidade arquitetada para a classe média é negativa. Neste excerto, especificamente, a crítica é feita aos pobres que têm sua identidade construída na pobreza, e, mesmo que a identidade mude, os grupos aos quais pertencemos vão definir a nossa identidade (MEDEIROS, 2009), pois é, evidentemente,

---

<sup>6</sup> Nomenclatura utilizada atualmente para designar as pessoas que saíram da pobreza mas continuam como operárias e que não atingiram os padrões da classe média de até então, como imóveis e bens materiais (quitados), e bens culturais (outro idioma, viagens, etc.) (POCHMANN, 2012).



recente a ascensão social desta classe. Bajoit (2006b) afirma que umas das formas de socialização é a *identificação*, que se dá por formas inconscientes, e, pelo texto, os que vivem na nova classe média ainda se identificam com a pobreza.

Ao mesmo tempo em que tenta ‘devolver’ os consumidores à pobreza, a modalização semântica se faz pela sentença: “o que vejo diariamente me dói como se fossem pessoas de minha família, de minha amizade, essas moças, ou senhores, que na televisão sorriem amarelo admitindo que não resistem a boas ofertas nos shoppings e à habilidade de vendedores (...)”. Fica claro que, mesmo próximos, os indivíduos saíram da pobreza, uma vez que não vivem em penúria, que têm condições básicas de sobreviver com (alguma) dignidade, mas, concomitantemente, mantêm os velhos hábitos, como se houvesse, mesmo, uma rejeição à nova classe média, tanto pelas dívidas, que desqualifica os bens materiais adquiridos, e pela falta de bens culturais, como, por exemplo, em

parece não passar pela cabeça dos grandes consumidores, nem dos microconsumidores, esses que dizem em entrevistas de rua que não podem resistir a uma lingerie bonita, a uma camiseta original, a um eletrodoméstico e tantas maravilhas mais, tudo em doze prestações (VEJA, 2012a, p.24)

Neste excerto, novamente, há o julgamento do comportamento dos indivíduos em “parece não passar pela cabeça”, aqui, também, de acordo com o sistema de Avaliatividade, há a presença de uma heteroglossia na negação da ideia de reflexão sobre a prática do consumidor num exemplo de Engajamento (VIAN JR. 2011).

A partir desta análise, podemos afirmar, de acordo com Bajoit (2006a), que a revista *Veja*, representante da mídia, apresenta o pobre, basicamente como *Marginal*, ou seja, ele está fora do seio da sociedade porque não participa dos mesmos eventos sociais, possui uma cultura diferente da privilegiada, uma subcultura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em poucas palavras, passamos a afirmar que, por estarem, ainda, em desenvolvimento, algumas questões, de forma natural, ficam abertas neste artigo. O objetivo deste trabalho, trazer uma amostra da nossa pesquisa, a nosso ver, foi contemplado, bem como a divulgação da corrente da ACD intitulada Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, que é fruto das discussões do grupo liderado pela professora Cleide Faye Pedrosa, orientadora da dissertação.

Ademais, postulamos que “analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem” (COSTA *et al.*, 2003, p. 37), é imprescindível para a compreensão das idiossincrasias sociais, sobretudo da mazela social mais cruel, a miséria ou pobreza extrema.

Neste esboço de análise, pudemos compreender, a partir dos recursos semântico-discursivos, que a mídia cria a imagem do pobre como um sujeito social desfavorecido e *marginal*. E esta tentativa de cobrir o pobre com esta roupagem é preocupante porque “muito do poder ‘moderno’ nas sociedades democráticas é mais persuasivo e manipulador que coercitivo (uso da força) ou incentivador” (VAN DIJK, 2008, p. 89), logo, pelo poder da mídia, a identidade criada para o pobre, mesmo que tenha ascendido à nova classe média, pode se difundir na sociedade, e, lembremos que a Veja afirmou que a pobreza leva à criminalidade. Questões como esta são preocupantes porque, pelo discurso, o veículo que promove imagens e distribui significações, as significações que temos hoje podem mudar, inclusive para pior.

## REFERÊNCIAS

BAJOIT, Guy. Olhares sociológicos, rostos da pobreza e concepções do trabalho social. In: BALSÀ, C. M; BONETI, L. W; Soulet, M. **Conceitos e dimensões da pobreza e da exclusão social: uma abordagem transnacional**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Tudo Muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006b.

BRASIL. **Brasil Sem Miséria: apresentação**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Disponível em: <<http://www.brasilemmiseria.gov.br>> Acesso: 27 de Fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_. **O perfil da Extrema Pobreza no Brasil com base nos dados preliminares do Censo 2010**. Nota do MDS. Brasília, 02 de maio de 2011. Disponível em: <[http://www.brasilemmiseria.gov.br/wp-content/themes/bsm2nd/perfil\\_extrema\\_pobreza.pdf](http://www.brasilemmiseria.gov.br/wp-content/themes/bsm2nd/perfil_extrema_pobreza.pdf)> Acesso: 11 de novembro de 2011.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; & SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23. Disponível em <http://www.scielo.br> acesso em 07 de abril de 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Traduzido por Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [1992] 2008 (reimpressão).

\_\_\_\_\_. **Language and globalization**. New York: Routledge, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM]. 2009.

MANCIBO, Deise. **Globalização, cultura e subjetividade: discussão a partir dos meios de comunicação de massa**. IN: Psicologia: Teoria e prática. Set-Dez 2002. Vol 18, n. 03. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4728862D0> Acesso em 02 de fevereiro de 2012.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English**. Longon, Palgrave, 2005.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: uma proposta para análise crítica do discurso**. 2012 – cedido pela autora.

POCHMANN, Marcio. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo Editora, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Anderson A. Gradação: força e foco. In: Vian Jr, Orlando; \_\_\_\_\_; Almeida, Fabíola A. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais co base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 191-204.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VEJA. **Comprar e não pagar**. Lya Luft. São Paulo: Editora Abril. Edição 2274. Ano 45, nº 25. 20 de junho de 2012a, p. 24.

\_\_\_\_\_. **Mas logo em Curitiba?** Alexandre Salvador. São Paulo: Editora Abril. Edição 2255, Ano 45, nº 06. 08 de fevereiro de 2012b.

VIAN JR. Orlando. O sistema de Avaliatividade. In: \_\_\_\_\_; SOUZA, Anderson A.; ALMEIDA, Fabíola A. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais co base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 19-30.

## ANEXOS

### Texto 1

#### **Mas logo em Curitiba?**, de Alexandre Salvador, de Curitiba

*A cidade que era um modelo de urbanização foi espremida por uma periferia abandonada à própria sorte e se tornou uma das mais violentas do Brasil*

A mais dramática ascensão dos índices de criminalidade nas capitais brasileiras na última década ocorreu justamente naquela que sempre foi considerada um modelo de organização e qualidade de vida: Curitiba. A pesquisa Mapa da Violência 2012, divulgada há dois meses pelo Instituto Sangari, que realiza esse levantamento desde 1998, mostrou que, em dez anos, Curitiba saltou da vigésima para a sexta posição no ranking das capitais com maiores índices de homicídios. Em 2000, a sexta posição era ocupada pelo Rio de Janeiro, então uma cidade conflagrada pelo crime. Graças a ações eficazes de combate à violência, na nova pesquisa o Rio desceu para o 23º lugar. Curitiba subiu tanto no ranking porque dobrou sua taxa de homicídios. Hoje, são 55 para 100 000 habitantes – a média nacional é de 26 homicídios por 100 000 habitantes.

Os dados que compõem o Mapa da Violência, o indicador mais confiável do crime no Brasil, são obtidos no Subsistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde. Embora as estatísticas da Secretaria da Segurança Pública do Paraná apresentem cifras um pouco menos alarmantes, o governo paranaense já admite que o crescimento da criminalidade no estado, principalmente na região metropolitana de Curitiba, é vertiginoso. A população também já percebe o agravamento da questão da segurança. Em pesquisa recente, 70% dos entrevistados afirmaram se sentir mais ameaçados pelo crime do que há cinco anos. O seguro de um automóvel no Batel, bairro de alto padrão de Curitiba, é mais caro do que em bairros equivalentes de capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Um dos principais fatores que determinam o preço do seguro de um automóvel é o volume de roubos e furtos de veículos.

Parte da explicação para a escalada da violência na capital paranaense está no crescimento rápido e desordenado dos municípios ao seu redor. A população das 25 cidades que compõem a região metropolitana de Curitiba cresceu 22% na última década, enquanto a do município de Curitiba aumentou 11%. A criação da Cidade Industrial, que concentra fábricas, e a instalação de indústrias como a Renault em São José dos Pinhais atraíram grandes contingentes de migrantes do interior do Paraná. Esse crescimento não foi acompanhado de políticas públicas de saúde, educação e segurança, criando bolsões de pobreza, onde viceja a criminalidade. “Baixa escolaridade e condições de saúde ruins produzem um trabalhador insatisfeito com suas condições de vida, que começa a considerar como alternativas passar para o tráfico de drogas e outros tipos de crime”, diz a advogada Priscilla Placha Sá, especialista em direito penal e representante da OAB no Conselho de Segurança Pública do Estado do Paraná.

Os delinquentes da periferia, naturalmente, se veem atraídos a agir também no município de Curitiba, onde circula o dinheiro. Um levantamento divulgado no mês passado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com o título Vulnerabilidade das Famílias entre 2003 e 2009, analisou a situação de nove capitais brasileiras, levando em consideração critérios como acesso ao trabalho, condições de moradia e desenvolvimento infantojuvenil. Curitiba foi a cidade que apresentou a maior disparidade entre a realidade da capital e a da sua região metropolitana. Não surpreende, portanto, o fato de que, dos vinte municípios mais violentos do Paraná, dez estejam localizados no entorno da capital. Mais da metade dos crimes cometidos no Paraná acontece em Curitiba e na região metropolitana, embora a região abrigue apenas um terço da população do estado.

A segunda explicação para o aumento da criminalidade em Curitiba é o fracasso da política de segurança pública levada a cabo na última década, principalmente entre 2003 e 2010, período em que o governo do estado foi

ocupado pelo atual senador Roberto Requião, do PMDB. “Sua administração foi de uma incompetência brutal em termos administrativos e gerenciais no tema da segurança pública”, diz o sociólogo Pedra Bodê, coordenador do Centro de Estudos em Segurança Pública e Direitos Humanos da Universidade Federal do Paraná. O ex-governador Jaime Lerner, três vezes prefeito de Curitiba e responsável por muitas das obras que tornaram a cidade uma referência em urbanismo, tem opinião semelhante: “Houve uma omissão do poder estadual, refletida na falta de investimento na área de segurança e em um governo autoritário e arrogante”.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Paraná foi o estado que na última década investiu a menor parcela do seu PIB em segurança – apenas 1%. “O quadro da segurança pública no estado está desmantelado. O efetivo das polícias Civil e Militar é o mesmo de dez anos atrás”, diz o atual secretário da Segurança Pública do Paraná, Reinaldo de Almeida Cesar. Situação mais dramática vive o Instituto Médico-Legal de Curitiba. O órgão, que atende a todos os municípios da região metropolitana, funciona num imóvel apertado, vive superlotado de corpos à espera de perícia, tem equipamentos sucateados e déficit de funcionários. O atual governo criou um novo programa de segurança pública, o Paraná Seguro, apresentado em agosto do ano passado. Nele, estão previstas metas de redução da taxa de homicídios – para abaixo da média nacional até 2014 – e melhorias tanto na infraestrutura quanto na recomposição do efetivo policial. Há esperança de que Curitiba volte a ser uma cidade-modelo.

## Texto 2

### **COMPRAR E NÃO PODER PAGAR, de Lya Luft**

Colunista não tem de ser bonzinho nem antipático nem julgador nem acusador nem nada: tem de observar e, quando acha conveniente, comentar. Eu me espanto com tantas coisas ultimamente que nem sei o que escolher. O fracasso dos países em administrar suas contas; a ganância derrotando o bom-senso; a opressão dos mais fortes e a submissão dos mais fracos; e os interesses escusos nos orientando mais do que poderia ser.

E a palavra-chave do momento, dívidas, dívidas, dívidas.

Bilhões e bilhões empregados para salvar bancos, e milhões de pessoas morrendo de miséria, de fome, de falta de higiene, de falta de dignidade – de falta de respeito de parte dos que deveriam ajudar em vez de gastar bilhões salvando bancos. Morram os bancos, não as pessoas inocentes, não as crianças, não os velhos, os fracos. Que ninguém tenha de chorar impotente por não poder salvar seus filhos.

Mas salvam-se os bancos, o que tecnicamente há de ter suas explicações, mas humanamente me deixa amargurada e perplexa, pois, mesmo não sendo economista, eu vivo neste planeta, e tudo observo e registro com este impotente sofrimento.

No cotidiano, porém, esse agir miúdo de todo dia, de todos nós, de certa forma cada um é especialista. Eu vejo ao meu redor, ou na televisão, na imprensa em geral, a postura delirante das pessoas, certas pessoas, muitas pessoas, com relação ao seu orçamento.

A matemática é a mais primária: se ganho 2.000, não posso gastar 2.500. Se ganho 20.000, não posso gastar 22.000. Essa conta que qualquer criança de escola elementar entende – ou entenderia se nosso ensino fosse diferente – parece não passar pela cabeça dos grandes consumidores, nem dos microconsumidores, esses que dizem em entrevistas de rua que não podem resistir a uma lingerie bonita, a uma camiseta original, a um eletrodoméstico e tantas maravilhas mais, tudo em doze prestações.

Compra-se a prestação no supermercado, compra-se com cartão de crédito sem ter mais crédito. Então cobrimos o buraco com cheque especial. Dali passamos a qualquer outro recurso. Não nos lembramos de calcular os juros. Não nos lembramos de que dez compras baratinhas em várias prestações por semana acabarão em grandes dívidas crescentes durante muitos anos.

Isso não nos ocorre porque somos burros, ignorantes. fúteis, bobos, viciados em gastar, insensatos, mal orientados. Indiferentes? Não sei.

Não chego a nenhuma conclusão. Mas a inadimplência de indivíduos e famílias cresce como abóboras em terra boa, e continuamos comprando sem a menor consciência de que logo estaremos atolados em dívidas, o objeto do nosso desejo retomado pelo vendedor, inclusive o adorado carrinho novo. A mensalidade dos filhos na escola atrasada, nosso respeito pessoal entrando pelo ralo, o desespero baixando como um nevoeiro feio.

Não me considero particularmente obtusa nem especialmente ignorante: mas o que vejo diariamente me dói como se fossem pessoas de minha família, de minha amizade, essas moças, ou senhores, que na televisão sorriem amarelo admitindo que não resistem a boas ofertas nos shoppings e à habilidade de vendedores que, diante de qualquer hesitação, voz do bom-senso, oferecem prestações baixinhas em número espantoso.

E toca a comprar qualquer bobagem como se achássemos que alguém vai dar um jeito, alguém vai cuidar de nós, anulando compromissos que estamos assumindo sem entender.

E assim, às vezes com estímulo de autoridades responsáveis sobretudo pela camada mais desinformada e deseducada do país, de grão em grão esvaziam-se a bolsa, a conta bancária, a credibilidade, o sossego de quem agora recebe diariamente telefonemas de credores legitimamente insistentes: deve, então paga.

A bolha de inadimplência entre nós há de estourar um dia, como ocorreu e ocorre em outros países ditos mais adiantados. Não sei quem então vai nos ajudar, Mas sei que a prurice humana, um de nossos maiores males, independe da localização no mapa deste mundo, em crise pela sua própria irresponsabilidade.